

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 213/2012

A CONTRAMÃO DA HISTÓRIA

No último quartel do século passado, os países líderes do Ocidente, numa guinada política empreendida com mão de ferro, inverteram o sentido da evolução histórica da Humanidade e, objetivando aumentar a produtividade do sistema capitalista, iniciaram um processo de desconstrução de todo o belo edifício de direitos sociais erigido depois da vitória sobre o nazi-fascismo. Esta construção, denominada Estado de Bem-Estar, seguia a tendência histórica de redução dos privilégios de classe e de nobreza, de democratização das sociedades e de implementação dos direitos humanos fundamentais, desdobrados nos direitos sociais que foram sendo incorporados em benefício das camadas mais carentes.

Aproveitando o desenvolvimento tecnológico que acelerou enormemente as comunicações e o transporte entre os continentes, e a sua condição de poder econômico dominante do mundo, o eixo conservador Estados Unidos-Reino Unido (Reagan- Thatcher) impôs ao mundo, através do processo de globalização do mercado e da competição, a regra do chamado Consenso de Washington, compreendendo a desregulamentação completa das atividades econômicas, que asseguravam os direitos sociais. Ao mesmo tempo, para garantir essa desregulamentação, impuseram em todo o Ocidente a retirada do Estado do campo da economia, confinando-o à Polícia e à Justiça, instituições que, na falta das leis protetoras do trabalho, passaram a beneficiar abertamente os donos do capital. Este eixo do retrocesso moveu o mundo inteiro nesta verdadeira marcha-ré da História. Os ganhos do capital, muito especialmente do capital financeiro que passou a comandar todo o processo, atingiram cifras estratosféricas, inimagináveis antes desse movimento. E obviamente a mercantilização da política, necessária para sustentar legalmente o processo num sistema formalmente democrático, gerou uma onda avassaladora de corrupção que envolveu todos os poderes do Estado, a mídia e até a Universidade.

Alguns poucos países tentaram resistir a este retrocesso histórico forçado em nome da produtividade econômica. O Brasil foi um deles, quase sozinho na América Latina, vendo a Argentina se entregar ao governo corrupto e privatista-entreguista do Presidente Menem e o México atar-se completamente ao domínio definitivo do poder econômico americano através do Nafta. O Brasil resistiu milagrosamente às pressões para aderir à ALCA (Associação de Livre Comércio das Américas) e sua resistência abortou a iniciativa em toda a América do Sul.

Alguns dos economistas considerados brilhantes pela nossa mídia cunharam a assertiva de que o Brasil estava na contramão da História, expressão repetida à exaustão pela imprensa e pelos líderes empresariais do País. Oh, como eu me lembro disso!

E entretanto na contramão verdadeiramente estava justamente aquele eixo retrógrado e poderoso. Só hoje, no bojo da crise sem solução em que meteram o mundo, só hoje isso ficou evidente. O Brasil acabou entrando no esquema, mas foi talvez o último a entrar e o primeiro a sair desta verdadeira contramão que foi, sim, o neoliberalismo. Demonstrou assim um sólido bom-senso político e passou a ser reconhecido mundialmente por isso.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 213/2012

A História evolui segundo curvas e tendências que só se mostram ao logo dos séculos, não sendo incomum, porém, que essa evolução passe por períodos menores de inversão ou desvio dessas tendência mais largas. A correção desse último desvio (neoliberal) está sendo cobrada agora, e ainda encontrando fortes resistências por parte dos poderes imensos que se enraizaram, lucraram gigantescamente e corromperam os poderes legítimos para manterem seus ganhos. O controle dos bancos é a palavra de ordem que se impõe como condição necessária para a saída da crise, mas custa a vencer os entraves dessa resistência para se efetivar.

A grande e espantosa novidade é a proposta que o FMI traz para a RIO+20 de taxar as grandes empresas poluidoras para constituir um grande fundo de auxílio ao desenvolvimento sustentado dos países pobres. Logo quem sugere: a advogada das maiores empresas do mundo, a ricaça que não paga imposto, a diretora maior do Fundo, Christine Lagarde! Milagre do movimento ecológico que conseguiu inesperadamente, depois de décadas, superar a reação intransponível à instituição da velha Taxa Tobin.

Viva! Será?

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br